

O profissional da área internacional e o mercado de trabalho Novas perspectivas para o profissional de Relações Internacionais

Paola Prado*
Mariana Mian**

Resumo

A intensidade das comunicações e o aumento da complexidade das questões mundiais ampliaram a busca por profissionais capazes de analisar e agir no dinâmico cenário internacional. Nesse sentido, as Relações Internacionais se transformaram numa profissão com grande potencial de expansão, uma vez que se está a buscar por profissionais gabaritados para trabalhar como um elo entre as instituições e o mundo. No Brasil, a carreira passou a ser desenvolvida mais intensamente após as décadas de 80 e, principalmente, de 90. do século XX. Através de análises de entrevistas aplicadas em profissionais da área internacional, este trabalho visa a demonstrar os vários campos para o profissional egresso do curso de Relações Internacionais, apontando algumas carreiras como potenciais áreas de especialização para o internacionalista. Essa gama de possibilidades para o graduado em Relações Internacionais pode permitir a consolidação de novos nichos no mercado, expandindo ainda mais essa área no Brasil.

Palavras-chave: Mercado de trabalho; Profissional de Relações Internacionais; Relações Internacionais.

Desde o final da Guerra Fria, profundas mudanças de ordem política e econômica vêm ocorrendo no mundo. Com o avanço das tecnologias, aumentou-se a velocidade das

trocas de mercadoria e de informações, tornando as várias sociedades mais interligadas e interdependentes.

Devido aos processos de globalização e integração, novos fenômenos passaram a merecer maior atenção na comunidade internacional, como por exemplo, as migrações; a criação, uso e transferência de tecnologias; a formação de mega-blocos econômicos; a democracia, os direitos humanos; o ecossistema e as questões culturais; as desigualdades sociais e o desenvolvimento sustentável.

Nesse sentido, esses movimentos fizeram com que o conceito de relações internacionais, antes restrito à política de Estado, tivesse maior abrangência no mundo moderno. A crescente aproximação cultural, política, financeira e comercial entre as nações exige novas competências profissionais e intelectuais nessa área. Portanto, a intensidade das comunicações, somada ao aumento da complexidade das questões mundiais, tornou necessária à busca por profissionais capazes de analisar e agir no dinâmico cenário internacional. Assim,

se até então esse desafio era desempenhado por economistas, cientistas sociais, analistas de comércio exterior ou advogados, a necessidade de uma ação mais ampla e capaz de mapear a realidade internacional como um todo criou a demanda por um novo profissional: o analista de relações internacionais.

observa Rodrigo Cintra¹.

No mundo desenvolvido, o profissional de Relações Internacionais já possui potencial bastante adiantado, como na União Européia e no Japão. Tais exemplos indicam que, com a formação de blocos econômicos e o estreitamento das relações político-econômicas entre os países, surge a necessidade de empresas, órgãos governamentais e entidades em geral buscarem por profissionais gabaritados para trabalhar como um elo entre as instituições e o mundo. Essa expansão justifica a criação de outros campos de atuação para o internacionalista, já não ligados necessariamente à carreira diplomática oficial.

¹ Rodrigo Cintra é bacharel em Relações Internacionais pela PUC-SP, Mestre em Ciência Política pela USP, Doutorando em Relações Internacionais na UNB, Professor-coordenador no Núcleo de Estudos de Relações Internacionais da Unibero, Vice-presidente da Câmara de Comércio Argentino-Brasileira de São Paulo e consultor de Relações Internacionais.

No Brasil, o primeiro curso de graduação em Relações Internacionais foi estabelecido em 1974, pela Universidade de Brasília. No entanto, a expansão de cursos de graduação e pós-graduação ocorreu essencialmente a partir da segunda metade dos anos 80 e, mais intensamente, na década de 90. Segundo Brigagão, “o fim da Guerra Fria e o surgimento de novos temas e atores em Relações Internacionais também influenciaram para que, no Brasil (...), a área de Relações Internacionais passe por uma nova dinâmica” (BRIGAGÃO, 2004, p. 6).

Para explicar a expansão dos cursos de Relações Internacionais no Brasil, Shiguenoli aponta três importantes acontecimentos: a integração do Mercosul; a estabilidade econômica do Real (que favoreceu a formulação da política externa com bases mais sólidas); e os fenômenos da globalização e da regionalização (SHIGUENOLI, 1999, p. 90).

Ainda em se tratando da ampliação das Relações Internacionais no Brasil, Paulo Roberto de Almeida constata um significativo crescimento da produção brasileira nessa área. Da mesma forma, ocorre uma extensão dos avanços metodológicos na academia e um aprofundamento analítico da maior parte desses estudos nacionais, em relações internacionais e em política externa do Brasil (ALMEIDA, 2004).

Nesse sentido, da mesma maneira que se verifica o crescimento da área no Brasil, alguns problemas podem ser apontados, como por exemplo, a grande intensidade dos Estudos das Relações Internacionais dirigidos somente às questões sobre os problemas e o funcionamento do Mercosul. Contudo, diante de certas dificuldades, a carreira já vem sendo desenvolvida e, segundo Shiguenoli,

apesar dessas deficiências, pode-se afirmar que a área de Relações Internacionais no País encontra-se consolidada. Tanto os autores mais experimentados, quanto os mais jovens, têm se dedicado com afinco e utilizado todo o instrumental teórico ao seu dispor, bem como as informações instantâneas obtidas através da informática. (SHIGUENOLI, 1999, p. 96)

É importante ressaltar que o curso de relações internacionais é multidisciplinar, oferecendo subsídios teóricos que permitem atuar em diversas áreas do mercado. Dessa forma, cabe ao profissional escolher sua área de interesse e especializar-se nela ao longo de

sua carreira. No entanto, a grande expansão dos cursos de graduação em Relações Internacionais permitiu a formação de cursos mais focados, com eixos programáticos diferentes. Como observa Brigagão, verificam-se diversos programas, norteados os cursos das diferentes instituições, podendo-se apontar desde currículos multidisciplinares até outros mais focados em Comércio Exterior ou Segurança Internacional, por exemplo (BRIGAGÃO, 2004, p. 19-40).

O foco dos estudos ampliou-se, igualmente, deixando a antiga ênfase na história diplomática para uma saudável diversidade de abordagens e de temas, o que evidencia, obviamente, uma correspondente complexidade da agenda diplomática brasileira. (ALMEIDA, 2003)

O profissional do Curso de Relações Internacionais é formado para lidar com a realidade mundial e atender à demanda social crescente. Com isso, torna-se um hábil agente a tratar com questões de caráter internacional, devendo encontrar mecanismos pacíficos e objetivando encurtar barreiras que separam diferentes povos e línguas, estimulando ações que gerem uma cultura de paz.

Uma das características da formação desses profissionais é a erudição aplicada; entretanto, tal aspecto não é suficiente para atuar no mundo de hoje, sendo necessário também, um conjunto de conhecimentos técnicos que permita desenhar cenários e formular estratégias de ação. Diferentemente do que se imagina, um analista de relações internacionais não explica todos os fatos internacionais. Isso é devido à distância de acontecimentos de naturezas diferentes — como é no caso de guerras, integração econômica, relações diplomáticas e movimentos transnacionais — o que faz com que esses profissionais tenham que escolher uma dessas áreas para atuar.

O especialista em Relações Internacionais acompanha a evolução e também faz parte dela, destacando-se por sua competência e eficácia. De acordo com Rodrigo Cintra, o diagnóstico dos egressos do curso permite observar a amplitude e diversidade do mercado de trabalho desse profissional. Atualmente, o mundo tem direcionado as atenções às questões ligadas ao meio ambiente, direitos humanos, relações interétnicas, nacionalismos, exclusão social, bem como os crescentes fluxos de comércio e os movimentos financeiros. Dessa forma, os amplos conhecimentos do profissional de Relações Internacionais são

importantes ferramentas para a execução de estratégias de negociações através de ações que possibilitem a formação de uma sociedade mundial mais justa e humana.

Em se tratando do curso, quando o estudante está procurando por essa carreira, pode encontrar diversas definições. Segundo o **Guia do Estudante**, o curso de Relações Internacionais pode ser entendido como a condução das relações entre os povos, nações e empresas nas áreas política, econômica, social, militar, cultural, comercial e do Direito. O curso abrange diversos ramos do conhecimento compreendidos principalmente entre as áreas: História, Ciência Política, Direito Internacional e Relações Econômicas Internacionais. Além disso, estuda-se sociologia, economia, história entre outras matérias (**Guia do Estudante**, 2003, p. 137).

Nesse aspecto, atraídos por novas oportunidades de mercado geradas com a internacionalização das economias, profissionais de relações internacionais estão abandonando o antigo sonho de serem diplomatas e partindo em direção a empresas privadas (Lippi; Tachinardi, 2000). Isso significa que parte desses profissionais está buscando novos campos de trabalho dentro da área internacional, uma vez que esta abrange diversos assuntos e temas. Trata-se, portanto, de uma carreira que deverá ser direcionada para a área de interesse de cada um. Com isso, é importante conhecermos algumas já em andamento.

Por se tratar de uma carreira institucionalmente nova, a área acadêmica tem demandado e, provavelmente, precisará crescentemente de profissionais com habilitação em Relações Internacionais. Segundo Paulo Roberto de Almeida, “na academia, as possibilidades se situam na própria expansão da oferta no setor, voltando-se para uma orientação docente, o que tende a esgotar-se, talvez, em médio prazo” (ALMEIDA, 2004, p. III).

De acordo com a pesquisa realizada sobre tais profissionais, verificou-se um número significativo de professores. Entretanto, notou-se que, em sua maioria, são profissionais oriundos de graduação em Geografia, Ciências Sociais, História, entre outros; que, por terem optado por uma especialização (pós-graduação, mestrado e doutorado) na área de Relações Internacionais, estão lecionando no ensino superior em cursos de Relações Internacionais.

Formado pela USP, o professor Gunter Rudzit² graduou-se em Geografia, fez mestrados em Geografia Humana (com ênfase em Geopolítica) e em Segurança Nacional; é também doutor em Ciência Política. Tais especializações tornaram-no um profissional habilitado para lecionar no Curso de Relações Internacionais. “Sempre gostei de assuntos ligados à área militar, assim como de política internacional. Foi a junção das duas que me fez perceber que poderia atuar como professor de Relações Internacionais”, disse Gunther.

Janina Onuki³ ingressou no Curso de Ciências Sociais buscando uma base teórica e conceitual para compreender as questões políticas e sociais. Para atuar na área acadêmica, Janina optou por fazer estágio desde o primeiro ano de faculdade, sempre na área de pesquisa acadêmica e, hoje, ela acredita que este foi fundamental na sua formação e atuação profissional. Janina também ressalta que o profissional de relações internacionais necessita de atualização permanente, acompanhamento de temas internacionais e capacidade de análise que só podem ser adquiridas com estudo conceitual e teórico.

Para Sérgio Gil,⁴ um profissional da área em questão deve possuir, fundamentalmente, uma amplitude de conhecimentos e idéias, ou seja, conhecimentos generalistas, além de um profundo conhecimento em história e em línguas estrangeiras, atualização constante, desenvoltura de raciocínio e presteza de atividades, ética e decência. Sérgio ainda alerta:

Cuidado com o deslumbramento. Relações Internacionais tornou-se o curso do momento. É fashion, é chic cursar RI. Tem que ter paixão, se não a moda acaba e fica-se sem nada. O curso é duro, denso e difícil.(...) Nenhum Curso completa, integralmente, a

² Gunther Rudzit é formado em Geografia pela USP, mestre em Geografia Humana com enfoque em Geopolítica pela USP, mestre em Segurança Nacional pela Georgetown University. É doutor em Ciência Política pela USP. Foi assessor do Ministro da Defesa e atualmente leciona para o Curso de Relações Internacionais nas Faculdades Integradas Rio Branco.

³ Janina Onuki é graduada em Ciências Sociais pela USP, com pós-graduação em Ciência Política e Relações Internacionais pela USP e especialização na Universidade de Georgetown (Washington, DC, EUA). É atualmente professora e vice-coordenadora do Curso de Relações Internacionais da PUC-SP, pesquisadora do Centro de Estudos das Negociações Internacionais. Lecionou cursos de graduação e pós-graduação nas Faculdades Integradas Rio Branco, FAAP, Trevisan e São Marcos. Trabalhou durante dez anos no Núcleo de Pesquisa de Relações Internacionais da USP.

⁴ Sérgio Gil Marques dos Santos é formado em Ciências Sociais pela Universidade Federal Fluminense. É mestre em História Social pela UFRJ e doutorando em Ciência Política pela USP. Atualmente, é analista em Ciência e Tecnologia da Fundação Oswaldo Cruz-Fiocruz (instituição federal vinculada ao Ministério da Saúde) e professor das Faculdades Integradas Rio Branco.

necessidade de conhecimentos de que um profissional precisa, tem-se sempre que buscar além.

Há também outros meios de se chegar ao ramo acadêmico e, Samuel Feldberg⁵ é exemplo disso. Ainda estudante, vendeu sorvete, fez faxina, trabalhou na construção civil como eletricitista até se graduar em Ciências Políticas e História na Universidade de Tel Aviv. Com isso, obteve importante experiência internacional que lhe permitiu, mais tarde, obter uma posição no setor exportador de um grande fabricante de papel celulose. Há cinco anos vem se dedicando ao ensino superior e considera sua escolha profissional como a realização de um sonho. Nesse sentido, Feldberg aconselha aos aspirantes da carreira internacional que “leiam muito, estudem idiomas, viajem se for possível (em geral é, quando se tem coragem e não se tem exigências impossíveis)”.

De fato, existe um vasto universo de possibilidades para os profissionais de Relações Internacionais. Entretanto, por se tratar de um curso novo (exceto em Brasília), muitos cargos da área internacional foram preenchidos por profissionais egressos de outras graduações.

Claudia Maria Sanches Campanelli,⁶ formada em Letras é exemplo disso:

Vemos pessoas de formações diversas atuando nessa área, mas não acho que o campo esteja saturado. Acho que pessoas como eu, que não são formadas em RI, ingressaram nesse tipo de trabalho pela falta de profissionais capacitados naquela época e hoje, após adquirem experiência, continuam atuando no mesmo campo. Devido às mudanças na previdência os profissionais mais velhos acabam não se aposentando e, assim, não abrem o espaço para os recém-formados; isso nas empresas públicas, mas as empresas privadas tendem a mudar seu corpo de funcionários com mais facilidade, valorizando os profissionais recém-capacitados.

⁵ Samuel Feldberg é formado em Ciência Política e História pela Universidade de Tel Aviv, em Israel, com pós-graduação em Ciência Política pela USP. Trabalhou vinte anos na área de Comércio Exterior e, atualmente, leciona para o Curso de Relações Internacionais das Faculdades Rio Branco.

⁶ Claudia Maria Sanches Campanelli é formada em Letras na faculdade de Ciências e Letras de Avaré, pós-graduada em Meio Ambiente e Sociedade pela Faculdade de Sociologia e Política de São Paulo. Atualmente, ocupa o cargo de Assistente Administrativa da assessoria de Projetos Especiais da Secretaria de Estado do Meio Ambiente (CETESB).

Atualmente, Cláudia Maria trabalha na CETESB e para alcançar seu cargo ela fez uma pós-graduação em Meio Ambiente e Sociedade. Para ela, os principais fatores que a fizeram seguir essa carreira na CETESB foi a fluência em inglês e conhecimentos sobre Meio Ambiente. Portanto, é importante ressaltar mais uma vez que cada pessoa deve direcionar sua profissão para sua área de interesse, buscando conciliar seus conhecimentos e aptidões pessoais com a graduação e pós-graduações.

Por outro lado, Rosimeire Molina⁷ fez jornalismo e também trabalha na CETESB. Ela diz que ingressou no curso de jornalismo pelo interesse pelos meios de comunicação, chegando a trabalhar por seis anos como assessora de imprensa do jornal **O Estado de São Paulo** até chegar a seu cargo atual, onde faz assessoria em área de Cooperação Internacional, que envolve Acordos e Projetos em parcerias com instituições estrangeiras.

Dentre as principais atividades realizadas pela jornalista Rosimeire, muitas delas têm ligação direta com o curso de Relações Internacionais. Identificar oportunidades para projetos de cooperação internacional e estabelecer negociações com organismos internacionais de financiamento e instituições ambientais, com vistas à sua viabilização, faz parte de suas tarefas. Cabe a ela, também, servir de veículo de divulgação das atividades da instituição junto às instituições internacionais, participar nas ações referentes à implantação dos compromissos do país advindos de Tratados Internacionais, assim como apoiar a realização de eventos de caráter internacional. Além disso, ela mantém contatos com o Ministério das Relações Exteriores, Embaixadas e Consulados, com o objetivo de viabilizar o intercâmbio de técnicos e elaborar relatório de acompanhamento das ações de cooperação internacional.

Até aqui, todas as pessoas citadas não se graduaram em Relações Internacionais e suas carreiras enquadram-se no perfil de tal profissional. Mas porque esses cargos não estão ocupados por especialistas formados em Relações Internacionais? Uma boa resposta para essa questão encontra-se na entrevista de Cláudia Maria Sanches, quando ela ressaltava que acredita que parte dos profissionais que trabalham na área internacional e não se formaram nesse curso específico, ocuparam tais cargos por falta de pessoas com essa formação. E, como se pode perceber, esses indivíduos tiveram que completar sua formação

⁷ Rosimeire Molina formou-se em Jornalismo na Cásper Líbero. Trabalha atualmente na CETESB como assessora na área de Cooperação Internacional e acordos de Cooperação e Projetos em parceria com outras instituições.

universitária com cursos afins, ou foram contratados por sua vivência e experiência internacional, incluindo-se o conhecimento de idiomas.

É de se surpreender que se mencione tantos cursos diferentes; contudo, em se tratando de um curso generalista, não se pode ignorar as opções de outras carreiras que podem ser agregadas à formação dos analistas em Relações Internacionais.

Andréa Garutti⁸ trabalha na área de gerenciamento de turismo receptivo, desenvolvendo novos produtos para o mercado receptivo brasileiro, captando novos parceiros e divulgando o Brasil no mundo, através de viagens e eventos. Por outro lado, cursando administração, Romolo Ricci⁹ está estagiando na Student Travel Bureau (STB), na área de Marketing, acreditando estar adquirindo experiência profissional na prática. Entretanto, com tais exemplos não se quer demonstrar que Turismo ou Administração são os caminhos mais fáceis ou completos para se chegar à área internacional; podem ser complementações ou até orientações para uma especialização, pós-graduação ou uma segunda graduação para os que se formam em Relações Internacionais.

Fernanda Naliato¹⁰ é Gerente de Relações Internacionais da Embratel. Ela é responsável pelos acordos internacionais entre a empresa (Embratel) e outras empresas de telecomunicações no exterior, especialmente as asiáticas. Portanto, trata-se de um cargo que poderia ser ocupado por um graduado em relações internacionais que tivesse alguma especialização relacionada à Informática, Sistemas ou Telecomunicações.

Outra opção relevante para os profissionais de relações internacionais é a área jornalística. Órgãos de comunicação e entretenimento, com destaque para a Internet e os cadernos internacionais de jornais e revistas podem ser uma boa escolha de carreira. A grade curricular do Curso de Relações Internacionais possibilita a elaboração de textos e análises sobre o cenário internacional, sob os pontos de vista político, econômico, militar-estratégico e até cultural. Para isso, é necessário que o profissional que deseje atuar como

⁸ Andréa Garutti formou-se em Turismo e atualmente trabalha no gerenciamento da área de turismo receptivo da Central de Intercâmbio (CI).

⁹ Romolo Ricci está cursando Administração na PUC-SP. Estagiou por cinco meses no Instituto Itaú Cultural; por pouco mais de dois anos no Banco Citibank SA; por nove meses no Hedging-Griffo Corretora de Valores SA e atualmente é estagiário de Marketing do Student Travel Bureau (STB).

¹⁰ Fernanda Naliato é formada em Informática pela Universidade Católica de Petrópolis. Fez mestrado no Instituto Militar de Engenharia na área de Sistemas. Atualmente é Gerente de Relações Internacionais da Embratel.

um jornalista da área internacional goste de escrever e, como em todas as outras carreiras dessa área, esteja sempre atento às questões internacionais.

A jornalista Clarice Spitz¹¹ é redatora do caderno internacional da **Folha de S.Paulo** e, no exercício de sua função, realiza traduções, edição de notícias e até atualizações no site do jornal. Nesse sentido, especializações e cursos de jornalismo agregados à formação em relações internacionais podem influenciar na contratação para esses órgãos de comunicação e entretenimento.

No Brasil, a profissionalização no campo de Relações Internacionais tem avançado significativamente desde a década de 90. Ao contrário da perspectiva voltada apenas à formação do diplomata, hoje, há um rol de atividades nas quais o internacionalista vem atuando.

Diversos departamentos das empresas, e não apenas aqueles vinculados diretamente à questão internacional, mas também nas áreas de Planejamento estratégico, Planejamento de Marketing e Recursos Humanos estão precisando desses profissionais. Ademais, a internacionalização financeira está obrigando bancos e investidores a admitirem profissionais formados em Relações Internacionais. De acordo com o Embaixador Paulo Roberto de Almeida,

O campo dotado de maior elasticidade é, inquestionavelmente, o do setor privado, no qual as exigências vão além do simples ‘canudo universitário’ e passam a incidir sobre a preparação efetiva – sobretudo em línguas – e experiência prévia acumulada. (ALMEIDA, 2004, p. IV)

A Gerente Geral de Recursos Humanos, Cláudia Portela Perrone¹² é responsável pela área de Designações Internacionais do Banco Santander Banespa e formou-se em Letras, o que pode parecer atípico, em virtude de sua função na instituição financeira citada. No entanto, sua especialização em Fonética da Língua Francesa na Universidade de Paris e suas pós-graduações em Marketing e Gestão Empresarial, qualificaram-na e

¹¹ Clarice Spitz é formada em Jornalismo pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Atualmente, é redatora da **Folha de S.Paulo**.

¹² Cláudia Portela Perrone é formada em Letras pela Faculdade Ibero Americana de Letras e Ciências Humanas. Fez especialização em fonética da Língua Francesa na Universidade de Paris-Sorbonne. É pós-graduada em Marketing pela ESPM e MBA em Gestão Empresarial. Atualmente é Gerente Geral de Recursos Humanos responsável pela área de Designações Internacionais no Santander Banespa.

possibilitaram experiência internacional para que ela conseguisse seu emprego atual. Segundo Cláudia, sua fluência em quatro idiomas adicionados à sua experiência anterior foram importantes para sua colocação profissional atual:

fui contratada para criar e desenvolver o departamento de designações internacionais no Brasil, devido a minha experiência na outra empresa. A área da Divisão América, agregada depois, veio em decorrência de meu trabalho na área de Direito Internacional e de meu relacionamento com a Matriz em Madri.

Ela acredita que sua carreira é muito indicada aos internacionalistas, uma vez que existe uma relação com o governo e com órgãos internacionais. Contudo, esse campo ainda “está sendo pouco explorado por estudantes de RI”, observa Cláudia.

Outras opções para os internacionalistas são Câmaras de Comércio, Consulados e Embaixadas estrangeiras, prestando assessoria no que se refere à atuação política e comercial do Brasil no contexto internacional. Antônio Josino Meirelles Neto¹³ é formado em Relações Internacionais e atualmente é pesquisador do Icone - Instituto de Estudos do Comércio e Negociações Internacionais. No entanto, este não foi seu primeiro emprego. Ainda na graduação, fez estágio que envolvia pesquisa de mercado, relações públicas, comunicação, participação em eventos e organizações de missões comerciais. Para ele, essa experiência foi importante na definição da continuidade dos seus estudos e consolidação da sua vida profissional.

Realizou sua pós-graduação na área de Comércio Internacional na SciencesPo, em Paris o que, segundo Antônio, possibilitou sua contratação no Icone. Suas atividades diárias como pesquisador são relacionadas à pesquisa, coletas de dados, monitoração de informações sobre negociações internacionais. Ele prepara também documentos que expõem a situação das negociações. Outro ponto importante é que

num mercado onde nem 5% da população tem grau superior completo, eu não diria que o mercado está saturado para estudantes com diploma e habilidade em línguas

¹³ Antônio Josino Meirelles Neto é formado em Relações Internacionais pela PUC-SP. Fez pós-graduação em Comércio Internacional na SciencesPo, Paris. Trabalhou quase dois anos no Consulado Americano e atualmente é pesquisador do Icone.

estrangeiras. Entretanto, deve-se reconhecer que a área de RI no Brasil ainda é pouco desenvolvida e as instituições são pouco internacionalizadas.

Disse Antônio, referindo-se a disponibilidade de mercado para estudantes de RI.

Além disso, segundo Antônio, deve-se ser generalista, possuir habilidades técnicas em alguma área específica e conhecer línguas estrangeiras. Ele ainda alerta: “Façam mestrado fora do Brasil e não deixem de aproveitar as oportunidades de estágios.”

Nota-se que diversos profissionais buscam uma segunda graduação numa tentativa de ingressar na carreira. Em diversos casos, os primeiros trabalhos, viagens e cursos no exterior tornaram-se pontos fortes de incentivo a atuar na área internacional. Christian Lohbauer¹⁴ graduou-se em Propaganda e Marketing e em seguida ingressou em Ciências Sociais, dizendo ter sido influenciado a seguir na carreira pelo interesse por assuntos mundiais. Doutor em Ciência Política pela USP atuou como pesquisador e docente e atualmente, é gerente de Relações Internacionais da FIESP. Para ele, as oportunidades da carreira estão bastante concentradas na área de comércio internacional. Em se tratando de suas atividades diárias na FIESP, Lohbauer realiza o acompanhamento e posicionamento técnico como representante da indústria de São Paulo nas instituições comerciais internacionais.

Diante de tantas possibilidades de carreira para os estudantes de Relações Internacionais, é possível dizer que o direcionamento profissional para uma determinada área específica é imprescindível. Cabe a cada um conciliar aptidões pessoais, cursos de extensão, especializações e pós-graduações na área de interesse. Tudo o que se fizer no período durante e logo após a graduação será importante para a determinação da área de atuação. Não se pode deixar de ressaltar que criatividade e perseverança são também características que podem revelar um novo profissional da carreira de Relações Internacionais.

¹⁴ Christian Lohbauer é formado em Propaganda e Marketing pela ESPM e graduado também em Ciências Sociais pela USP. Fez mestrado e doutorado em Ciência Política na USP. Atualmente é Gerente de Relações Internacionais da FIESP.

Paulo Romani Vicelli¹⁵ construiu sua carreira voltada para a área Cultural. Para atingir seu sucesso profissional, ele afirma que o estudante de Relações Internacionais deve direcionar toda a graduação para sua área de interesse. Ele focou todos os seus trabalhos universitários e estágios para a área da Cultura e hoje, trabalha no Itaú Cultural.

Fiz quatro estágios e todos foram muito importantes para minha formação atual. O estágio é a melhor maneira para experimentar, conhecer e aprender. A partir desta experiência é que se define para qual área ou seguimento se deseja seguir.

Diz Paulo, referindo-se a programas de estágio ou *treinee*. Para complementar sua carreira, faz pós-graduação em História da Arte.

O que se pode perceber aqui é que a criatividade e a combinação de carreira está sendo um artifício muito importante para a formação profissional. Saber tudo sobre a própria profissão não garante mais um lugar de destaque na corrida por um emprego. Segundo a revista **Veja**, “o mercado está à caça de profissionais que tenham formação ampla e visão global de negócios. Combinar a graduação com uma especialização aumenta as oportunidades de emprego e pode significar um salário 40% maior” (**Veja**, 2004, p. 122). Nesse aspecto, é interessante e até lucrativo, em questões de natureza empregatícia, a combinação de Relações Internacionais com uma outra especialização ou graduação em uma área de interesse.

No entanto, não se deve esquecer de fazer aquilo de que realmente gosta. “Deve-se estudar, fazer o que gosta; a vida passa, o mundo muda rápido e seguir aquilo que não lhe satisfaz não leva a lugar nenhum”, alerta Lohbauer.

Conclusão

Assim, o profissional em Relações Internacionais assume funções no setor público, como diplomata, consultor independente vinculado a instituições públicas, assessor para assuntos internacionais, analista de projetos internacionais e coordenador de ações de organismos internacionais. No que se refere ao setor privado, há diversas alternativas para

¹⁵ Paulo Romani Vicelli é formado em Relações Internacionais pela PUC-SP. Está cursando pós-graduação em História da Arte na FAAP-SP. Atualmente é responsável pela equipe de atendimento e da área de Relações Internacionais do Itaú Cultural-SP.

esse profissional, que pode atuar como empreendedor, consultor ou assessor, realizando contatos, sondando mercados e elaborando contratos, projetos e convênios para empresas, entidades patronais e instituições de ensino e pesquisa.

Ainda em se tratando do setor privado, é bom salientar que este está cada vez mais se tornando um potencial recrutador desses bacharéis em questão. Para Paulo Roberto de Almeida, o setor privado é enorme e diversificado; no entanto, é ainda inseguro quanto à adequação desses jovens internacionalistas aos seus requisitos pragmáticos (ALMEIDA, 2004, p. III).

É relevante observar a área cultural e o terceiro setor — setores ainda pouco explorados por especialistas em relações internacionais e estudantes desse curso. Nota-se, por exemplo, que quase não há indícios de internacionalistas na área cultural e, os que hoje atuam nesse ramo, enfrentaram certas dificuldades para colocar-se no mercado. Entretanto, para quem se interessa pela área e quer seguir nela, não deve se deixar intimidar por isso — a perseverança e a dedicação serão importantes na busca por um emprego.

Independentemente da área em que se deseje atuar, a carreira do internacionalista exige muita dedicação e leitura, além do interesse por assuntos internacionais. O inglês fluente é essencial, assim como um conhecimento profundo em política internacional, economia internacional, cultura, meio ambiente e, se possível, conhecer outros idiomas — características que o tornam um profissional extremamente versátil.

Como já foi dito, um analista de relações internacionais não explica todos os fatos internacionais e isso ocorre devido ao rol de possibilidades em que se pode atuar, ou seja, carreiras de naturezas diferentes, que fazem com que se tenha que escolher uma área e focar nela. Pode-se dizer que o bacharel em Relações Internacionais acompanha a evolução e as mudanças mundiais, fazendo também parte dela.

De acordo com boa parte dos profissionais entrevistados, ainda há pouca percepção do que faz o graduado em Relações Internacionais no mercado; nesse aspecto, cabe aos estudantes e recém-formados a divulgação da carreira, seja na busca por emprego ou na consolidação de novos nichos no mercado. Contudo, apesar de algumas deficiências, pode-se afirmar que a área de Relações Internacionais no país encontra-se consolidada.

Abstract

The intensity of communications and the higher complexity of world issues have intensified the search for professionals able to analyse and act in the dynamic international scenario. In that sense, International Relations have changed into a profession of great expansion potential, for qualified professionals are requested to work as a link between the institutions and the world. In Brazil, that profession gained relevance after the 80's and mainly the 90's. Through the analysis of interviews with professionals in the international area, this paper aims at mapping the various fields for those graduated in International Relations, pointing out some careers as potential specialisation fields that consolidate and expand the market in Brazil.

Key words: International Relations; Job market; Professional of International Relations.

Referências

ALMEIDA, Paulo Roberto de. Prefácio. In: BRIGAGÃO, Clóvis. **Relações internacionais no Brasil**: instituições, programas, cursos e redes. Rio de Janeiro: Gramma, 2004. p. IV.

ALMEIDA, Paulo Roberto de. **Relações internacionais e política externa do Brasil**: apresentação à segunda edição: avanços metodológicos, diversidade analítica, produção em alta. Washington, 2003. Disponível em: <http://www.pralmeida.org/01Livros/2FramesBooks/74cApres2aedUFRGS.html> Acesso em: 8 mar. 2005.

BARROS, Júlio César. Profissões: Relações internacionais forma cidadãos do mundo. **Folha Online**, São Paulo, 20 agosto 2001. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/educacao/ult305u5605.shtml>. Acesso em: 23 nov. 2004.

BRIGAGÃO, Clóvis. **Relações internacionais no Brasil**: instituições, programas, cursos e redes. Rio de Janeiro: Gramma, 2004. p. 6.

CINTRA, Rodrigo. **O profissional de relações internacionais**: uma interface com o mundo: o analista de relações internacionais. Disponível em: <http://cursos.aduaneiras.com.br/treinamento/estudecomex_2004/site_estudecomex/profissional_ri.htm>. Acesso em: 23 nov. 2004.

CLÁUDIO, Couto *et al.* (Org.). **O campo de estudo das relações internacionais**. Disponível em <http://www.geocities.com/puccari/artigos/campo_estudo.html> Acesso em: 23 nov. 2004.

COMBINAÇÃO de carreiras aumenta a empregabilidade. **Veja**, São Paulo, Ano 37, n.1872, p.122, 22 set. 2004.

LIPPI, Roberta; TACHINARDI, Maria Helena. Globalização abre mercado para o diplomata empresarial. **Gazeta Mercantil**, São Paulo, 30 mar. 2000. Caderno C, p. 2.

RELAÇÕES Internacionais. In: GUIA do estudante: vestibular 2003. São Paulo: Abril, 2003. p.137.

SHIGUENOLI, Miyamoto. Os estudos das relações internacionais no Brasil: o estado da arte. **Revista de Sociologia e Política**. n 12, p. 83-98, Jun 1999. Disponível em: <<http://www.revistasociologiaepolitica.org.br/download/resumo/a05n12.pdf>>. Acesso em: 8 mar. 2005.

UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAÍ. Curso de Relações Internacionais. **A profissão e o profissional de relações internacionais**. Disponível em: <<http://www.sj.univali.br/RI/profissaoeprofissional.htm>>. Acesso em: 23 nov. 2004.

Anexo

QUESTIONÁRIO QUE FOI APLICADO PARA A REALIZAÇÃO DO TRABALHO:

“O Profissional da área internacional e o Mercado de Trabalho”

(Esse questionário não é restrito somente aos profissionais de relações internacionais, pode ser também respondido por profissionais que atuem na área internacional. Os entrevistados possuem a liberdade para responder ou não às questões).

1. Nome, idade, sexo.
2. Com quantos anos iniciou a graduação e com quantos anos a concluiu? Qual foi o curso escolhido?
3. Quais foram os fatores que o (a) influenciaram na escolha desse curso?
4. Em qual instituição se formou?
5. Fez estágio ou participou de programas de *treinee*? Se sim, como foi a experiência?
6. Quais os resultados profissionais que a mesma lhe proporcionou?
7. O que fazia no estágio?
8. Qual era a faixa salarial do estágio?
9. Possui pós-graduação? Em qual área? Onde?
Tratava-se de uma área relacionada à sua graduação ou ao seu estágio?
10. Qual a sua experiência profissional?
11. Quais foram as dificuldades encontradas para se inserir no mercado de trabalho?
12. Onde encontrou seu primeiro emprego real?
13. Há quanto tempo trabalha em seu atual emprego?
14. Qual o cargo e a função que ocupa dentro da empresa onde trabalha? Quais foram os passos para atingi-la?
15. Em linhas gerais, quais são suas atividades profissionais diárias? Quais tarefas são realizadas por você diariamente? Comente a respeito de suas responsabilidades.
16. Quais fatores o (a) influenciaram a seguir essa carreira?
17. Na sua opinião, existe um campo profissional exclusivo para os estudantes de Relações Internacionais? Se sim, esse campo ainda está sendo explorado ou já há certo saturamento? Considera que um cargo na área de RI pode ser ocupado por um profissional cuja formação diga respeito a outro seguimento?
18. Na sua opinião, quais as características pessoais que um profissional de

relações internacionais deve possuir?

19. Na sua opinião, onde um profissional recém-formado em Relações Internacionais pode se encaixar dentro do mercado de trabalho?

20. Na sua opinião, qual é o grau de aceitação dos profissionais de Relações Internacionais no mercado?

21. Quais as exigências que o mercado tem com relação à formação desse novo profissional?

22. Como você avalia a sua escolha profissional? Qual é o seu grau de satisfação?

23. Por fim, quais são os conselhos e sugestões que você poderia dar àqueles que pensam em seguir a carreira de Relações Internacionais ou àqueles que querem direcionar suas carreiras para a área internacional?

* Paola Prado (autora) é aluna do 5º semestre do curso de Relações Internacionais das Faculdades Integradas Rio Branco.

** Mariana Mian (assistente de pesquisa) é aluna do 5º semestre do curso de Relações Internacionais das Faculdades Integradas Rio Branco.

Disponível em:

<

http://www.congresoselis.com.uy/conosur/trabajos/13_paola_congacives_rangel_do_prado.doc> Acesso em.: 14 nov. 2007.